

ÍNDICE

PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO	13
Capítulo I – A RECEPÇÃO DE FREUD EM PORTUGAL	35
1. EGAS MONIZ – Pioneiro da Psicanálise em Portugal	35
2. SOBRAL CID – A Psiquiatria e a Psicanálise	58
3. FERNANDO PESSOA – Freud, instâncias e heteronímia da arte	62
4. ABEL DE CASTRO – A Curiosidade e a correspondência	69
5. SEABRA DINIS – A Psicanálise e a sua desconstrução	73
6. FERNANDO NAMORA – A Divulgação sob o signo literário	97
Capítulo II – A RELEVÂNCIA DE FREUD EM TRABALHOS ACADÉMICOS	113
1. ANTÓNIO MONTEIRO – A Psico-análise de Freud	113
2. MÁRIO OLIVEIRA – Do Dinamismo Psíquico Freudiano	123
Capítulo III – A RECEPÇÃO DE FREUD E A IMPRENSA MÉDICA	137
1. A DIVULGAÇÃO MÉDICA	137
2. O CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE FREUD	153
CONCLUSÃO	157
BIBLIOGRAFIA	171

PREFÁCIO

À distância de setenta anos da morte de Freud, é tempo de fazer a história da implantação da psicanálise e do inconsciente nas ciências, nas técnicas e nas culturas.

O propósito da investigação de Alírio Queirós não foi comemoracionista mas é uma feliz coincidência o facto de a sua tese de mestrado sobre a recepção de Freud em Portugal se publicar em 2009, setenta anos depois da morte de Freud em Londres, cidade onde o notável médico viveu os seus últimos 15 meses por razões que são conhecidas.

Freud ganhou balanço para a sua aventura científica em finais do século XIX, o século de ouro da ciência, ou o “século de explosões” científicas no dizer de René Taton. A sua época perpetua e reforça a paixão setecentista e oitocentista pelo conhecimento científico. É esse fascínio que está na base de tantas viagens, expedições, explorações, de vários processos de experimentação e outros métodos de pesquisa levados a cabo por inúmeros investigadores.

Uma das novidades do século foi precisamente a revolução freudiana da psicanálise. Com efeito, a incontornável obra de Freud, *A interpretação dos sonhos (Die Traumdeutung, 1900)* fecha o século XIX e abre o século XX. A revolução científica que esta obra inaugura vai-se estruturando nas primeiras décadas do século XX e simultaneamente abrem-se vários caminhos de produção de efeitos em todo o campo cultural desde a filosofia à literatura. Na verdade, Freud leva a cabo a revolução psicanalítica durante toda a sua vida, especialmente a partir de 1895. Este processo é algo extraordinário se pensarmos que, desde 1873, Freud recebeu uma formação médica na Faculdade de Medicina de Viena, a famosa escola de Ernst Brucke e de Meynert que respeitava com todo o rigor o modelo de cientificidade próprio das chamadas *naturwissenschaften*.

O primado ontológico do inconsciente começa a desenhar-se cerca de dez anos após ter feito um estágio de quatro meses no Laboratório neuropatológico da Salpêtrière onde, como tantos médicos, artistas e outros, ouviu as lições clínicas de Jean Martin Charcot, prestigiado professor e investigador de anatomia patológica e de doenças do sistema nervoso. É interessante notar que o insucesso das investigações da base anatómica da grande neurose da época, a histeria, de certo modo desencadeou algo inovador: a pesquisa da etiologia psíquica da histeria e de outras manifestações psicopatológicas e suas traduções psicossomáticas.

Com esta pequena nota prestamos homenagem ao génio de Freud, à nova disciplina que o próprio médico de Viena baptizou de psicanálise em 1896 e, enfim, a todo o processo de construção de uma gramática do inconsciente, porque isso é toda a sua vida de trabalho clínico e de pesquisa científica, de estudo, de reflexão e de escrita.

Diversos vultos da ciência e da cultura, em diferentes circunstâncias e conjunturas políticas, introduziram Freud em Portugal. Foi, sobretudo, através de vários escritos que esses autores trouxeram Freud, o freudismo e a psicanálise para a língua, a cultura e a ciência portuguesas. Alguns são nomes incontornáveis da cultura ou da ciência portuguesas conforme se pode apreciar no presente livro de Alírio Queirós.

Em primeiro lugar, Egas Moniz com o texto *As bases da psicanálise*, Lição do Curso de Neurologia da Faculdade de Medicina de Lisboa, 1915 e *O conflito sexual*, Conferência plenária do Congresso Luso-Espanhol das Associações para o Progresso das Ciências, Porto, 1921. Egas Moniz foi também o primeiro a fazer estudos biográficos recorrendo à psicanálise como é exemplo um estudo intitulado *Júlio Dinis e a sua obra*, 1924 e outro sobre Camilo, *A necrofilia de Camilo Castelo Branco*, sep. do *In Memoriam de Camilo*, 1925. J.M. Sobral Cid redigiu o estudo intitulado *A vida psíquica dos esquizofrénicos. Pensar autista e mentalidade arcaica*, conferência feita em Coimbra na Sala dos Capelos da Universidade, em 16 de Março de 1924, publicada no *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas*. António Laranjo Ferreira Monteiro apresentou como tese de doutoramento na Faculdade de Medicina de Coimbra uma dissertação intitulada *A psico-análise de Freud*, Coimbra, 1925. Temos indicação da existência de cartas, sobretudo entre 1924 e 29, de Freud a Abel de Castro (1900-1947), professor de história e filosofia em várias escolas do ensino secundário, jornalista e escritor, ligado à Igreja Baptista e ao movimento Evangélico. Mais tarde, temos textos de Fernando Pessoa entre 1931 e 1936, sobretudo cartas dirigidas a João Gaspar Simões, cartas de auto-análise e cartas sobre o problema da relação entre psicanálise e arte. Luís Varela Aldemira publicou em 1935 a obra *A arte e a psicanálise. O caso Freud-Leonardo Da Vinci. O inconsciente na vida artística. Os sonhos e a inspiração*. Três conferências realizadas na Sociedade de Belas Artes de Lisboa. Em 1938 foi estampada uma obra de divulgação científica para o grande público da autoria de Stefan Zweig intitulada *Os constructores do mundo. A cura pelo espírito. Introdução geral. Mesmer-Mary Baker-Eddy-Freud*. Em 1944, Mário de Almeida Oliveira publicou *Do dinamismo psíquico freudiano*, dissertação de licenciatura em ciências histórico-filosóficas apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

O médico psiquiatra Joaquim Seabra-Denis desenvolveu um trabalho expositivo da psicanálise e crítico dos efeitos da psicanálise nas ciências humanas e nas artes incluindo a literatura, publicado em dois volumes na Biblioteca Cosmos em 1945. Como é evidente no livro de Alírio Queirós, trata-se de uma obra muito importante na história da psicanálise. Depois de 1945, as fontes referentes à presença de Freud e da Psicanálise na cultura e na ciência em Portugal multiplicam-se. São referência obrigatória de Fernando Namora, *Deuses e Demónios da Medicina*, 1952; de Barahona Fernandes, entre outros, *Agonia doutrinal e ressurgir prático da psicanálise*, 1953. O próprio Seabra-Denis publica *No centenário do nascimento de Freud*, *Jornal do Médico*, 1956, *Raízes sociais e integração histórica da psicanálise*, *Jornal do Médico*, 1956; *A revolução psiquiátrica contemporânea*, *Anais Portugueses de Psiquiatria*, 1959. Destacam-se também trabalhos de Diogo Furtado 1959, Francisco Alvim 1979, João dos Santos 1984, Pedro Luzes 1995, e muitos outros autores médicos e não médicos da segunda metade do século XX, particularmente interessantes para a história da cultura científica nas suas relações com as humanidades, incluindo as artes.

As fontes analisadas por Alírio Queirós não esgotam o tema, mas resultam de um trabalho de pesquisa sistemática que levou a cabo sobre a presença de Freud e da Psicanálise na ciência e na cultura portuguesas para elaborar a sua tese de mestrado em História das Ideologias e das Utopias Contemporâneas. Este mestrado foi fundado e é coordenado pelo Prof. Doutor Amadeu Carvalho Homem na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

A 18 de Fevereiro de 2008, Alírio Queirós prestou provas de Mestrado tendo como arguente o Prof. Doutor J. L. Pio Abreu, distinto médico psiquiatra e professor da Faculdade de Medicina de Coimbra e ainda escritor ensaísta, autor de obras premiadas também no estrangeiro como é o caso do livro *Como tornar-se doente mental*. O júri entendeu atribuir à tese de Alírio Queirós a classificação de Muito Bom. É interessante notar que o trabalho de Alírio Queirós não é simplesmente descritivo. Em virtude da sua formação filosófica e do seu gosto pela escrita personalizada, a obra de Alírio Queirós apresenta algumas passagens onde o brilho da metáfora esbate a complexidade do tema, o que não compromete os resultados de um trabalho feito com rigor, antes é prova do seu entusiasmo plasmado na sua escrita.

Sendo o Mestre Alírio Queirós investigador do Ceis 20, o livro aqui considerado e que a Imprensa da Universidade publica na colecção *Ciências e Culturas* insere-se no âmbito das actividades do Grupo de História e Sociologia da Ciência, particularmente na linha de investigação “Ciências, tecnologias e práticas de saúde” em articulação com o projecto de investigação “Público e Privado: História Ecológico-Institucional do Corpo, 1900-1950. O caso português” (FCT- POCTI/HAR/49941/2002, Investigadora Responsável, Prof^a Doutora Ana Leonor Pereira).

Uma palavra muito especial de amizade e agradecimento ao Director da Imprensa da Universidade de Coimbra, Prof. Doutor José Francisco de Faria Costa e à Directora Adjunta Dr^a Maria João Padez Ferreira de Castro, por todo o seu empenho e dedicação à causa da Imprensa da Universidade de Coimbra.

Ana Leonor Pereira
Fevereiro de 2009